

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA  
DIRK BOGARDE – ATOR DAS SOMBRAS  
11 e 19 de outubro de 2021

KING & COUNTRY / 1964

*Um filme de Joseph Losey*

*Realização:* Joseph Losey / *Argumento:* Evan Jones, baseado na peça de John Wilson e história de J.L. Hodson / *Direção de Fotografia:* Denys Coop / *Montagem:* Reginald Mills / *Música:* Larry Adler / *Produção:* Norman Priggen e Joseph Losey / *Interpretações:* Dirk Bogarde (Capt. Hargreaves), Tom Courtenay (Pvt. Hamp), Leo McKern (Capt. O’Sullivan), Barry Foster (Lt. Webb), James Villiers (Capt. Midgley), Peter Copley (Colonel), Jeremy Spenser (Pvt. Sparrow), Barry Justice (Lt. Prescott), Vivian Matalon (Padre) / *Cópia:* 35 mm, preto e branco, falada em inglês, legendada eletronicamente em português / *Duração:* 86 minutos / *Estreia Mundial:* 5 de setembro de 1964, Festival de Veneza / *Inédito Comercialmente em Portugal / Primeira Apresentação na Cinemateca.*

\*\*\*

Quando numa entrevista publicada na revista *Présence du cinéma* (Março-Abril, 1964), Joseph Losey comentava a sua obra mais recente, para muitos a sua *magnum opus*, **The Servant** (1963), e dizia que havia procurado transformar a casa onde decorre a ação numa personagem, numa “personagem despida”, não estava longe de antecipar, nestas mesmas palavras, o que se passaria no filme subsequente, o muito apreciado mas menos popular **King & Country**. O espaço e o tempo são, claro, radicalmente diferentes: transitamos de um retrato sulfuroso sobre as relações de poder e de classe no Reino Unido contemporâneo (“It’s also the British class system”, atirou Losey a Michel Ciment no livro-entrevista *Conversations with Losey*, 1985) para uma relação também entre homens mas condicionada pela ordem militar, na frente de batalha alemã, durante a Primeira Guerra Mundial. Volta, no entanto, Losey a adaptar uma peça de teatro e a concentrar espacialmente o drama, num *décor* que é muito mais do que um mero palco para a ação. Desde o início, sentimos – apetece, aliás, escrever “entranhamos” – a Guerra nas trincheiras enlameadas, repletas de ratos e pulgas, tudo transmitido com uma nudez, digamos assim, perto de aterradora.

Poucos filmes na história do cinema foram tão eloquentes a documentar a dimensão mais pestífera do teatro bélico. Só Chaplin, num filme contemporâneo dessa mesma Guerra, havia olhado de frente, de modo picaresco mas não menos cruel, os desconfortos físicos por que passaram os bravos soldados – falo do memorável **Shoulder Arms** (1918). Esclareceu Losey, na conversa com o crítico francês atrás citada, que se concentrou “o mais que [pôde] nas interpretações, nas falas, e em obter um sentimento de claustrofobia, em obter uma verdadeira sensação e cheiro da guerra sem que as armas fossem disparadas, exceto as armas da execução no fim, e as armas que ouvimos à distância”.

Há o desconforto e a sujeira infernal das trincheiras, por um lado, e há a perdição moral dos homens no teatro de operações, por outro. Não nos devia surpreender que, uma vez rodeados de porcaria, os homens se deixassem tomar por essa mesma porcaria. É o que se passa no julgamento de um jovem soldado, com a Guerra a entranhar-se-lhe há já 3 anos, tendo assistido a todo o sangue, a toda a lama e a toda a morte que isso de lutar pelo “king & country” implica. Arthur James Hamp (Tom Courtenay) vai a tribunal por ter, alegadamente, desertado, mas o seu advogado, o capitão Hargreaves (Dirk Bogarde), não descarta a possibilidade de este ter perdido o domínio sobre si mesmo. Se foi “cold feet” (cobardia) ou “shell shock” (trauma), há um tribunal, palco improvisado entre a lama e os ratos, que terá de decidir. Enquanto se discute o perfil militar e clínico do arguido, ouve-se o rimbombar das bombas – quem está a ganhar, afinal? Apesar de este ser um dos mais poderosos libelos contra o absurdo da Guerra, apetece dizer que há qualquer coisa em **King & Country** que nos salva do que (irremediável e cinicamente) se perdera em **The Servant**. O jogo político é desumano pela forma como

se propõe sacrificar a vida deste jovem, Hamp, mas Losey descortina, na relação entre o arguido e o seu advogado, um elo poderosíssimo, história pungente acerca da cumplicidade entre dois homens, mesmo que esta nunca seja propriamente verbalizada, apenas comunicada em gestos e olhares.

Em **The Servant**, assistimos à vertiginosa corrupção de uma relação inicialmente imaculada entre o patrão (James Fox) e o seu empregado (Dirk Bogarde). Em **King & Country**, tudo aparece sujo e corrompido, logo à partida, mas entre o oficial e o seu superior, que o defende, um laço de profunda cumplicidade vai ganhando força. A humanidade salva-se no rosto/*décor* de Bogarde – é um filme de Losey, pelo que, mesmos nas trincheiras, há espaço para esse embate com a imagem refletida no espelho, fazendo com que a personagem se reveja, na sua solidão, ante um ato de máxima injustiça – e também, claro, no rosto/*décor* de Courtenay (vencedor do prémio de melhor ator no Festival de Veneza, onde o filme se estreou mundialmente), e salva-se outrossim em tudo o que separa a mão de Bogarde, segurando a arma, da boca de Courtenay, que, em sofrimento, ainda se agarra à vida – um ato de misericórdia, de dimensão quase bíblica, sela uma história de união para lá de todas as injustiças. A mensagem é de uma violência chocante, mas carrega o mesmo amor à bravura de todos os que combateram nessas circunstâncias contido na sequência que abre o filme, em jeito de epígrafe; bravura celebrada pela escultura monumental em pedra, o Royal Artillery Memorial, que a câmara de Losey percorre/tateia longamente, em sinal de máximo e solene respeito pelas pessoas “que morreram uma miserável morte de cão”, como o descreveu a Michel Ciment no já citado livro-entrevista.

Estranhamente, dois filmes tão distintos entre si – diferentes no tema e no *décor*, mas, já vimos, não na maneira de retratar as relações e os lugares – encontram-se na sua quase perfeita oposição: um servindo de reflexo do outro, no que diz respeito à construção dramaturgica, uma vez que em **The Servant** assistimos a uma diluição c(l)ínica, quase paranoica, da relação entre um patrão e o seu empregado, ao passo que em **King & Country** a relação entre os dois protagonistas, que começa algo movediça, amordaçada pela ordem militar, termina sob a forma de uma poderosa imagem de união entre dois seres humanos. Tão poderosa que se parece com uma sublime escultura em pedra, que se eleva, íngreme, sobre o mais pestilento lamaçal humano.

Aí, nesse lamaçal, a lei sacrossanta do Estado é ridicularizada num “mock trial” (“juízo de brincar”), como lhe chama a personagem de Bogarde a dado momento, que é comentado, através de uma montagem alternada, por uma farsa truculenta, em que vemos jovens soldados a julgarem uma ratazana, inquirindo-a sobre a possibilidade de esta ter ou não arrancado parte da orelha de um deles. Ao pôr em evidência a farsa geral que é a hierarquia e a disciplina militares, Losey produz um violento ataque a esse grande evento que governa as suas personagens e que nos governa a todos, simplisticamente distinguindo vencedores e vencidos: a guerra. É no rosto dos seus atores que a batalha pelo humano acontece, dando a volta ao desabafo de Bogarde ante a sentença ditada por ordens superiores, porque era preciso “levantar a moral das tropas”: “nós perdemos todos”. Apesar de tudo, haja esperança que não.

Luís Mendonça